

GÊNERO E DOCÊNCIA: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

*GENDER AND TEACHING: A VIEW FROM THE PERSPECTIVE OF
PEDAGOGY STUDENTS*

*EL GÉNERO Y LA DOCENCIA: UNA VISIÓN DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS
ESTUDIANTES DEL CURSO DE PEDAGOGÍA*

Adriana Regina de Jesus¹

Rogério da Costa²

¹ Doutora em Educação pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina - PR – Brasil.

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina - PR – Brasil.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar por meio das falas dos discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina as percepções que se têm em relação ao gênero e à docência. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa. Na busca de recuperar tais percepções dos discentes, a pesquisa bibliográfica, a análise documental e a pesquisa de campo formaram o conjunto de procedimentos investigativos. Ao término da pesquisa, constatou-se

que os alunos relacionam à docência com aspectos de infantilização e feminização. Outro ponto importante a ressaltar é que o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina necessita de um novo olhar em relação ao gênero e à docência, podendo assim contribuir para a formação da leitura crítica de mundo e da condição humana dos estudantes do referido curso.

Palavras-chave: Gênero; Docência; Infantilização.

Abstract: The present article aims to identify, through the statements of students of the Pedagogy Course of Universidade Estadual de Londrina, their perceptions in relation to gender and teaching. The methodology used in this study was the qualitative approach. Seeking to obtain these students' perceptions, bibliographic research, document analysis, and field research were used as investigative procedures. At the end of the research, it was verified that the students relate teaching with aspects of infantilization and feminization. Another important point to note is that the curriculum of the Pedagogy course of the Universidade Estadual de Londrina needs to take a new look at gender and teaching, and can contribute to the formation of the critical reading of the world and the human condition of the students of the course in question.

Keywords: Genre; Teaching; Infantilization.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo identificar, a través de los discursos de los alumnos del Curso de Pedagogía de la Universidad Estatal de Londrina, las percepciones que tienen en relación al género y a la

docencia. Para desenvolver este estudo se utilizó como metodologia de la investigación un enfoque cualitativo. Al tratar de recuperar tales percepciones de los estudiantes, la investigación bibliográfica, el análisis documental y la investigación de campo formaron el conjunto de los medios de investigación. Al final del estudio se constató que los estudiantes relacionan la docencia con aspectos de infantilización y feminización. Otro punto importante a destacar es que el plan de estudios del curso de Pedagogía de la Universidad Estatal de Londrina necesita lanzar una nueva mirada en relación al género y la docencia y, de esa manera, contribuir a la formación de una lectura crítica del mundo y la condición humana de los estudiantes de ese curso.

Palabras clave: Género; Docencia; Infantilización.

INTRODUÇÃO

Segundo Almeida (1998), as recentes tendências na pesquisa educacional sobre gênero, docência e currículo no campo do magistério têm dado destaque aos estudos sobre as imagens, os significados e as crenças dos professores e dos alunos em relação a suas ações e práticas pedagógicas. Sendo assim, as questões de gênero, raça/etnia e classe social nas pesquisas da área de humanas têm se constituído uma tríade indispensável na análise do currículo dos cursos de Pedagogia, considerando os diferentes grupos sociais neles presentes. Apesar da diversidade teórica e conceitual, o presente artigo tem como objetivo identificar e compreender as percepções e as crenças que os alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina possuem sobre tal aspecto.

Isso posto, foi utilizada, como metodologia de pesquisa, a abordagem qualitativa. Na busca em recuperar as percepções dos discentes do curso de Pedagogia da UEL em relação ao gênero e à docência, a pesquisa bibliográfica, a análise documental e a pesquisa de campo formaram o conjunto de

procedimentos investigativos. Os sujeitos pesquisados foram alunos dos quatro anos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, totalizando 185 mulheres e 07 homens. Um encontro com cada turma para a realização deste estudo foi o primeiro passo. Naquele primeiro momento, os participantes foram dispostos em um círculo de conversas em sala de aula, para explicitar a importância da situação, pois se tratava de uma pesquisa que permitiria refletir sobre o processo de formação dos alunos do curso de Pedagogia. Diante disso, era importante que todos se sentissem à vontade para dizer o que realmente pensavam a respeito da docência.

Em seguida, foi solicitado que cada aluno retirasse uma folha do seu próprio caderno e escrevesse sobre as percepções que tinham em relação aos aspectos de gênero e docência. A atividade foi realizada por todos os alunos, que participaram sem demonstrar recusa ou insatisfação. Ao término da atividade, foi proposto que cada discente falasse a respeito das suas considerações em relação ao gênero e à docência.

Posteriormente, foi organizado mais um encontro, em que foram apresentadas, em forma de gráficos, as falas dos sujeitos da pesquisa, dando destaque aos aspectos que cada aluno havia abordado. Discutiu-se bastante a respeito dos aspectos levantados e, de maneira coletiva, em cada série, foi eleita a categoria predominante nos textos elaborados pelos discentes. Para garantir fidedignidade na transcrição dos dizeres dos discentes para o estudo em questão, todo o diálogo foi gravado. Para tanto, as dimensões que se configuram nesse estudo, embora não sejam, de forma alguma, momentos estanques, permitiram uma leitura dos dados da pesquisa, tendo como parâmetro o material de apoio: linguagem e conteúdo.

O material de apoio refere-se às folhas de caderno que os alunos e alunas do curso de Pedagogia utilizaram para realizar a pesquisa solicitada. Em relação à Linguagem, teve-se como finalidade identificar como os alunos representavam a sua compreensão de gênero e docência. No que consiste ao conteúdo, o objetivo central refere-se à forma de representação dos alunos e alunas. Nesse momento, foi possível identificar uma aproximação do gênero e da docência com os aspectos de infantilização e feminização do magistério. Sendo assim, por meio da pesquisa de campo, foi possível aferir que o material de apoio utilizado pelos alunos e alunas do curso de Pedagogia¹, para expressar as percepções que os mesmos têm sobre gênero e docência, era constituído na sua grande maioria

por papel com desenhos infantis: folhas de cadernos que continham figuras de super-heróis, flores, personagens de conto de fadas, ursinhos, entre outros. Esses dados representam, de certa maneira, uma relação muito forte dos alunos e alunas com materiais infantis. Contribuindo com essa análise, Oliveira (2003, p. 300) afirma que:

Na sociedade contemporânea, crescem as pessoas que, ultrapassando o estágio adolescente, permanecem presas à casa paterna. Adultos se divertem com desenhos e cadernos infantis, músicas de roda, ursinhos na cama e tantos outros índices de imaturidade, de dependência, de heteronomia. Na França, vários sociólogos e psicólogos como Jean-Claude Kaufmann, autor de *Ego* – debruçam-se sobre o que denominam "*génération régression*" constituída pelos chamados "*kiddults*", pessoas com trinta e tantos anos que, incapazes de assumir plenamente o status de adultos, mergulham nos entretenimentos da infância – mistos de adultos e crianças.

Essa citação permite dizer que a infantilização da sociedade contemporânea é movida por paixões que são específicas do nosso tempo. O desejo compreensível de não ter aparência de velho(a) cedeu espaço à busca consciente da imaturidade. No passado, as pessoas queriam parecer jovens e atraentes, mas não necessariamente comportar-se como crianças. A obsessão atual por coisas infantis pode parecer um detalhe trivial, mas a saudade onipresente da infância entre os adultos jovens é sintomática de uma insegurança profunda em relação ao futuro. A hesitação em aderir à condição adulta reflete uma aspiração reduzida à independência, ao compromisso e à experimentação (BAULMAN, 2003).

Todavia, surge um questionamento: será que o material utilizado pelos alunos foi uma escolha autônoma ou estes foram influenciados pela cultura imposta da indústria cultural (considerando, desta maneira, que bichinhos, heróis e todo tipo de imagem infantil povoam a maior parte dos produtos que se consume)?

Contribuindo com esta reflexão, Harvey (2005) afirma que algumas características da indústria cultural neste "novo" tempo social se baseiam na infantilização do sujeito por meio do mercado, da descartabilidade das coisas, do consumo exagerado, da manipulação diversa provocando novos sistemas de signos e imagens, da alteração nos hábitos de percepção, novas fantasias, mitos, ilusões, aspirações, superfícies e aparências, mistura de códigos e modas, imperialismo do gosto, capacidade de explicar, mas de não compreender os fenômenos, apego à linguagem do comércio e da mercadoria, impulso nostálgico, enfim, junto com esse novo cenário social e produtivo se tem também uma cultura massificada pela Indústria Cultural e pela lógica do consumo e da mercadoria.

Segundo Harvey (2005, p. 24), “neste cenário, pode-se pensar que a indústria cultural vem ganhando espaço considerável no que diz respeito à vida social e cotidiana das pessoas, tanto no Brasil quanto no mundo”. Sendo assim, é possível entender que os estudantes, sujeitos dessa pesquisa, são influenciados pela indústria cultural, e esta possui forças que são decisivas na organização da sociedade capitalista, pois esta é um produto que precisa ser vendido e consumido para gerar capital.

Faz-se necessário ressaltar que a linguagem utilizada no trabalho de pesquisa, por meio de textos, baseava numa linguagem que pode ser denominada de senso-comum. Gramsci (1984), ao referir-se ao senso-comum, o faz, muitas vezes, associando-o a um conceito equivocado e contraditório, e estes elementos muitas vezes foram encontrados nas falas dos discentes.

Em relação aos conteúdos presentes na coletada de dados, identificou-se que a percepção dos alunos sobre gênero e docência teve como base dois aspectos: infantilização e feminização, ou seja, para os alunos do 1º e 2º anos, a representação do gênero e da docência está predominantemente marcada no aspecto da infantilização, isto é: 1º ano: 60% e 2º ano: 63%. Já os alunos do 3º e 4º anos do curso de Pedagogia relacionam gênero e docência com o aspecto de feminização, ou seja, 3º ano: 52% e 4º ano: 80%. Partindo desse pressuposto, primeiramente, serão analisadas as representações dos alunos e alunas no que se refere ao aspecto da infantilização e posteriormente à feminização.

O GÊNERO E A DOCÊNCIA NA PERSPECTIVA DA INFANTILIZAÇÃO

Os textos produzidos pelos alunos do primeiro e segundo anos do curso de Pedagogia, em relação à docência, associam-se a super-heróis, crianças em busca de proteção, cuidados, magia e acolhimento humano. As representações dos discentes, no que se refere à questão infantil, foram organizadas a partir dos seguintes aspectos: magia e proteção, como se verá a seguir:

Magia:

Ser professora é uma magia, pois temos o dom de transmitir conhecimentos e mudar pessoas (1º ano, 20 anos).

Desenhei uma mulher grávida com um desenho do mundo na barriga, pois o professor é a chave mestra do poder de transformação do mundo através da educação (2º ano, 24 anos).

Ser professor é ser um semeador (2º ano, 31 anos).

Eu penso na estrela como uma forma de luz, pois pelo menos para mim o professor tem a função mesmo que seja só dentro da escola de conduzir o aluno, de ser esta luz para ele para ajudá-lo a resolver os problemas, até mesmo porque dentro da sala de aula o professor é o maior exemplo que o aluno tem (2º ano, 26 anos).

A professora é aquela que tem a chave para a porta do conhecimento (4º ano, 25 anos).

A lâmpada é transmissora da luz, então imaginei a professora como sendo uma luz, pois ela transmite o conhecimento, que por sua vez é capaz de mudar uma pessoa (2º ano, 28 anos).

Ou seja, por meio dos relatos dos discentes, pode-se entender que a professora ou professor deve ser visto como uma lâmpada que se consome iluminando cada aluno, porém, para atingir tal objetivo, deve esquecer-se de si mesmo para pensar nos outros. Tendo como parâmetro a linha de raciocínio em relação à magia, outros relatos serão destacados a seguir:

Escolhi a música Alfabeto da Xuxa para representar o professor ensinando (2º ano, 20 anos).

Desenhei uma estrela, pois para ser professora você precisa brilhar, transmitir uma luz de conhecimentos aos alunos de uma forma que os contagie e que vão em busca de novos caminhos para um grande futuro e uma realização profissional (2º ano, 20 anos).

Desenhei um sol porque ele significa toda luz do saber que é transmitido pelo professor (2º ano, 25 anos).

A professora deve ser uma heroína com capacidade superior de assimilação de temas diversos (1º ano, 33 anos).

A professora pode ser considerada uma mulher maravilha, isto é, uma pessoa capaz de mudar e transformar pessoas e mundo (4º ano, 29 anos).

Desenhei um ser iluminado, possuidor de um dom extraordinário (2º ano, 23 anos).

As percepções dos discentes do Curso de Pedagogia, até o momento, podem ser relacionadas com as análises realizadas por Almeida (1998), por meio de redações, produzidas por professoras sobre "O educador e sua missão de educar", ou seja, nessa pesquisa, o autor constatou que a função de educar é santificada pelos professores, pois eles não exercem uma profissão, mas uma missão árdua, um sacrifício que exige resignação, um sublime ideal que exige estoicismo, um trabalho heroico, um sacerdócio. Almeida (1998) compara o ser professor com as seguintes metáforas: estrela, farol, luz, lâmpada, sol, vela, porta,

caminho, artista, escultor, ator, maestro, jardineiro, médico, psicólogo, tribuno, Cristo, Jesus, missionário, espelho, herói, arauto, pai.

Tendo como parâmetro as metáforas apresentadas por Almeida (1998) e os relatos dos discentes do curso de Pedagogia, pode-se constatar o aspecto infantil relacionado com a magia. Essa forma de representação necessita de uma reflexão crítica em relação à condição de infantilização.

Foi possível identificar também, na fala dos discentes, que estes percebem a relação entre gênero e docência como algo relacionado à **proteção**, como se verá a seguir:

A professora é uma guerreira e ao mesmo tempo um anjo da guarda (1º ano, 18 anos).

Escrevi a palavra amigo, que representa que a professora é uma pessoa que acima de tudo deve ser uma amiga. É essa amizade que conduzirá os alunos a um conhecimento mais amplo. Muitas vezes é na professora que vamos nos apoiar, confiar e também se espelhar (2ª ano, 24 anos).

Desenhei uma mulher subindo a escada e essa imagem representa um ser forte, amável que está sempre pronta para lhe mostrar o verdadeiro caminho, lhe ajudando nos momentos que sente medo, dando carinho para voltar a caminhar sorrindo e que precisamos a cada dia subir um degrau da escada da vida (2º ano, 22 anos).

A professora é alguém muito especial, uma verdadeira amiga e bem intencionada (1º ano, 21 anos).

Ser professora é uma dádiva, pois através dela aprendemos a ler, desenhar, a contar, a ser educados. Toda criança vê na professora um modelo de amigo (1º ano, 21 anos).

Somos um livro em branco quando nascemos e no decorrer da vida nosso professor, vem escrevendo nesse livro, nos ensinando (1º ano, 24 anos).

Os dados coletados sobre a relação entre infantilização e proteção dizem que os estudantes veem na professora uma amiga e que esta tem como dever protegê-los dos perigos postos pela sociedade. Essa ênfase gritante na proteção pode acarretar uma forte dependência entre professor e aluno, impossibilitando a formação de sujeitos críticos e emancipados. É imprescindível salientar que o homem, ao fazer uso da razão, emancipa-se, pois pensa por si mesmo, supera a situação de infantilização na qual é dirigido por outro, passa a se comportar guiado por pensamentos próprios, construídos (a partir) de seu conhecimento e experiências. Dialeticamente, suas atitudes e comportamentos são constituídos conforme a realidade que vive, ele sofre influências do meio, bem como o modifica também; suas reflexões são estimuladas e provocadas a partir de uma consciência real e legitimada em princípios morais e solidários, que constituem

o homem de bem. O estado de consciência é possibilitado por uma reflexão racionalizada que esclarece sua ação, permite uma consciência de análise das intenções e das consequências de atos ou do seu modo de agir socialmente.

Vale ressaltar que outras representações sobre a infantilização e a **proteção** foram tecidas, entre elas estão as seguintes:

Desenhei uma mulher, várias crianças, casas, flores e vários corações para representar a amizade, solidariedade, felicidade e amor pela profissão no ato de se doar (2º ano, 26 anos).

Desenhei uma mulher educando, pois homens são raros nesta profissão [...] A professora é a luz da razão que possibilita a saída das trevas e a chegada da luz do saber (2º ano, 22 anos).

Semear é um dos papéis do professor, ser humilde, buscar sempre aprender. Todos que estão ao redor aprendem e sentem seguros; todos trocam e deixam um pouco de si, como é dito do livro do Pequeno Príncipe (1º ano, 24 anos).

Há nas manifestações dos alunos uma forte preocupação com a proteção. Vários autores, desde Rousseau (1996), Pestalozzi (1996), Froebel (1902), já discutiam a importância do cuidar e proteger o infante. Segundo Canen e Santos,

Somente no século XVI surgiu um novo sentimento de infância. A criança por sua ingenuidade, gentileza, inocência e graça, tornou-se uma fonte de relaxamento e distração para o adulto. Este sentimento é a "paparicação", e se originou no seio da família. A burguesia, enquanto classe em ascensão passa a dar importância aos seus filhos e à educação dos mesmos. (CANEN; SANTOS, 2006, p.17).

Sendo assim, na sociedade contemporânea, percebem-se as influências do pensamento de Rousseau (1966), Pestalozzi (1966) e Froebel (1902) no imaginário dos alunos do curso de Pedagogia, pois as falas destes vão ao encontro das questões relacionadas ao cuidar e à proteção do infante. Isso posto, a infantilização presente na fala dos discentes evidencia a falta de esclarecimento no que se refere à emancipação intelectual. Kant, em seu ensaio (1974), postula um conceito para o esclarecimento [Aufklärung], entendendo-o como um processo de emancipação intelectual, que resulta, de um lado, da superação da covardia e da preguiça de pensar por conta própria e, do outro lado, da crítica do que foi inculcado nos intelectualmente menores pelos chamados já emancipados, maiores, seus superiores hierárquicos. A sua definição se associa à imaturidade e à menoridade do homem. Diz ele:

Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem

de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [<<Aufklärung>>]. (KANT, 1974, p. 100).

Ou seja, Kant (1974) ressalta que, se o homem persistir em permanecer nesse estado de menoridade, o faz somente pela preguiça, pela covardia, pelo medo e pela sua própria escolha de ser guiado pelo entendimento de outro. Para ele, o medo é o processo que impede a humanidade de alcançar a maioridade e a própria razão. No entanto, em decorrência do medo, não se faz o bom uso da razão, tornando-se um ser infantil. Para Kant (1974, p. 102),

... o ser infantil, o ser menor, está associado ao medo, a um estado que o homem deveria superar para tornar-se dono de si mesmo, dotado de razão e conhecimento, um estado graças ao qual "depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo.

Contribuindo com a tradição Kantiana em defesa do esclarecimento, Adorno, no debate "Educação – Para quê?" (2003), apresenta a educação como o caminho possível para ter coragem e decisão no uso do próprio entendimento, pois a práxis educativa nada mais seria do que a própria emancipação:

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade [...] A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 2003, p. 143).

Adorno defende a não servidão e a não infantilização dos nossos atos, a fim de postular a possibilidade de uma educação para a emancipação, o que provocaria superar a condição de menoridade e, ao mesmo tempo, compreender que a infantilização não pode ser percebida apenas como uma escolha do sujeito, pois este sofre influência da indústria cultural, e esta precisa ser estranhada pelos atores sociais, superando desta maneira a racionalidade técnica de uma sociedade administrada.

Isso posto, para superar a condição de menoridade, Kant estimula o próprio entendimento na sua defesa efusiva: *Sapere Aude!* Ouse saber! O homem precisa ter a coragem de admitir que, em alguns momentos de sua vida, suas ações e pensamentos são controlados por outras pessoas; no entanto essa situação não é eterna, pois o indivíduo pode, por meio do uso da razão, transformar-se em sujeito.

Portanto, o termo *infantilização*, no contexto do pensamento de Kant e Adorno, não se restringe a uma idade específica e cronológica, mas passa a relacionar-se a um estado de incapacidade, de ingenuidade e ignorância do homem em relação à sua condição pessoal e social, como se pode constatar nas falas dos discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. Sendo assim, “o homem precisa se emancipar e superar essa menoridade para alcançar a verdadeira liberdade” (PAGNI, 2007, p. 18).

O GÊNERO E A DOCÊNCIA NA PERSPECTIVA DA FEMINIZAÇÃO

Os dados coletados com os alunos do 3º e 4º anos apontaram que estes veem a relação entre gênero e docência como algo relacionado à feminização e não mais à infantilização. Diante disso, surge a seguinte questão: por que essa mudança em relação às representações que envolvem a docência? Para tentar responder a essa questão, Arce (2001, p. 49) afirma que:

Maternagem e comportamentos que fomentassem a infantilização da mulher eram desestimulados junto ao corpo discente de colégios femininos mantidos por ordens religiosas. As alunas eram coibidas em suas manifestações de extravagância, frivolidade, luxo, vaidade e impedidas de acompanhar a moda no vestir-se, pelo uso de uniformes, devendo manter uma aparência cuidada, agradável, limpa e saudável, mas desprendida de mundanidade. A escola era um espaço em que se articulavam a educação de leigas, a clausura e a congregação religiosa. Nele, a descrença, o desânimo e a falta de responsabilidade não tinham lugar; ao contrário, a formação se dava pelo exemplo e imagem de esforço, conhecimento e dedicação.

A ideia de Arce remete a pensar que, como representantes das instituições de ensino superior, os docentes do curso podem continuar a reproduzir a feminização. Ou seja, no decorrer do curso, alguns professores poderão fazer a transposição da mentalidade de infantilidade dos discentes para uma questão mais ampla que é a feminização, e esta é permeada pelas questões de responsabilidade feminina. Sendo assim, pode-se constatar por meio das falas dos discentes aspectos relacionados a: sentimento de virtude, amor e carinho, moral e cívico, mãe, mulher, maternidade, família entre outros, como se pode perceber nos relatos seguintes.

Destarte, os aspectos relacionados ao **sentimento de virtude, e amor e carinho** foram constatados nas seguintes falas:

A primeira imagem que vem na minha cabeça quando penso em professora, é uma mulher com crianças em uma sala de aula ensinando, muito feliz e com muita paciência, seus aluninhos. Como seria difícil desenhar uma cena dessa [...] Professora para mim se resume em uma palavra: AMOR (2º ano, 20 anos).

Desenhei uma mulher lecionando, como esse desenho eu imaginei uma professora que ama o que faz, sendo atenciosa, dedicada, sincera e com muita virtude (3º anos, 34 anos).

A criança é conduzida pela professora, por isso ela tem que ser muito responsável e amável (4º ano, 38 anos).

Por meio das percepções dos discentes, aferiu-se que os mesmos associam o magistério com as características tidas como “tipicamente femininas”, tais como: **virtude, paciência, amor, carinho, minuciosidade, afetividade, doação**. Contribuindo com esta análise, Louro (1997, p. 45) afirma que:

O trabalho da mulher no decorrer da história da educação é considerado uma missão, e ela tinha uma função “sacerdotal”. Assim: à docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação.

Pedro (2004, p. 299) reafirma, dizendo que:

... a autoridade masculina e a submissão feminina eram compreendidas no binômio “obediência e amor”. Nesse caso, as mulheres obedeciam, porque eram delicadas e meigas.

Para tanto,

A mulher tem mais pureza que o homem. E tem mais ternura, que é a máxima do altruísmo. Tem mais apego, mas veneração e mais bondade, isto é, mais amor.

Instintos são estes de obediência, porque amar é obedecer, é preferir à vontade própria a vontade alheia; é gozar a felicidade de ver os outros felizes: é saborear o encanto de ver os outros satisfeitos [...], para ter uma vida de obediência contínua, com alegria, é preciso possuir uma organização privilegiada. (PEDRO, 2004, p. 320).

Outros discentes do Curso de Pedagogia representaram o ser professor e professora por meio de sentimentos relacionados aos valores **moral e cívico**, como pode ser visto a seguir:

Desenhei o livro porque quando penso em professora sempre imagino o seguinte pensamento: de ensinar – passar para os alunos tudo que aprendeu na sua formação escolar e o coração porque imagino também que ser professora é um ato de muito amor e carinho aos seus alunos, devendo ingressá-los na sociedade com valores morais e cívicos (2º ano, 30 anos).

Contribuindo com esta reflexão dos discentes, Louro (2004, p. 447) faz a seguinte análise crítica:

Não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher

seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadão.

Vale ressaltar que a percepção dos discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina em relação à feminização relacionada aos valores moral e cívico está impregnada do discurso da obediência e da santidade, misturado de maneira não muito clara ao de patriotismo. Não se questionam as noções de respeito e amor à pátria, direitos e deveres. Não se pergunta, quem os instituiu, a quem interessam, por que foram instituídos dessa forma e não de outra? O mito da igualdade civil e da cidadania atravessa os conteúdos escolares, os programas de ensino, os projetos pedagógicos, sem discutir suas raízes históricas, o contexto de poder em que foram instituídas. A aproximação entre educação, patriotismo e religião foi e continua sendo uma constante. O professor e/ou professora quase sempre são vistos como alguém que tem que pautar sua vida no modelo moral e cívico proposto pela sociedade em que estão inseridos.

Outra categoria muito apontada pelos discentes refere-se à imagem da **mulher**, são elas:

Desenhei uma mulher com braços longos abraçando várias crianças – é como se o professor preenchesse todas as lacunas da sala, cuidando de cada aluno e ensinando os alunos de modo prazeroso (3º ano, 23 anos).

Desenhei uma mulher representando a figura de uma mulher, pois para ser professora tem que saber ensinar (3º ano, 26 anos).

Desenhei uma mulher e uma porta para representar ser professora, ou seja, a professora é um ser que deve abrir portas para o aluno conhecer o mundo, agir no mundo tendo como parâmetro os valores morais da sociedade (4º ano, 33 anos).

Os relatos citados anteriormente evidenciam que a arte do magistério é quase uma continuação das tarefas educacionais da mãe dentro de casa, habituada a ensinar e dar boa formação aos filhos. Ser professora, na opinião da maioria dos discentes, é um ideal da mulher, que possui uma moral mais elevada que o homem, pois é mais delicada e indulgente com as crianças, além de doce, carinhosa, sentimental e paciente.

A percepção do ser professor e/ou professora foi relacionada, a todo o momento, à imagem do ser **mãe**, como se pode verificar a seguir:

Professoras são como mães, pois nos ensinam o certo e o errado. Nos dão toda atenção, amor e carinho [...] que peçamos ainda nos oferecem um abraço amigo e acolhedor, é o nosso espelho e dá sentido a nossas vidas (3º ano, 25 anos).

Professora para mim é ser uma segunda mãe em alguns aspectos, pois muitas professoras passam a ser mães de algumas crianças. Professora é ser uma pessoa amiga e companheira, pois convivemos a maioria de nossa vida com elas. Já de professor não sei o que dizer, pois professor é sempre mais durão mais também é muito essencial em nossa vida. Professora é uma flor que floreira cada vez mais a nossa vida (4º ano, 28 anos).

A professora é parecida com a mãe, pois ambas ensinam e aprendem conteúdos e valores. Faz de sua profissão um ato de amor, de virtude e de sacrifícios, que vem seguida e conjunta a uma satisfação de ver o aprendiz evoluir, tornar-se melhor do que era antes (4º ano, 35 anos).

A imagem de professora é de uma mãe (2º ano, 22 anos).

Desenhei a minha mãe, para representar ser professora, pois ela é muito especial para mim, o melhor exemplo de uma professora dedicada e que trabalha com muito amor (3º ano, 24 anos).

O que me vem à mente é a minha primeira professora, sentada a sua mesa chamando aluno por aluno e com o maior carinho cortava as unhas dos seus alunos, depois pedia para que os mesmos fossem ao banheiro lavar as mãos, porém como sempre fui baixinha ela pedia para que outra aluna me acompanhasse para me erguer e assim eu conseguia lavar as minhas mãos. Sua dedicação e amor sempre me envolveu tanto que eu chegava a passar a noite com ela. Esta imagem é o que me fez pensar em ser professora, pois quero seguir o exemplo dela (4º ano, 46 anos).

Diante dos relatos citados anteriormente, Pedro (2004, p. 279) contribui, afirmando que:

A idealização das mães estava presa à missão civilizadora das mulheres, a qual, de acordo com o ideário positivista, deveria ser instruída para aperfeiçoar o esposo e educar os filhos para a Humanidade. Era justamente dentro dessa perspectiva que se defendia a educação feminina.

Faz-se necessário ressaltar que as representações discentes em relação aos aspectos de feminização e mãe estão intimamente ligadas às características naturais femininas. O ser professor ou professora é consagrado pelas alunas do curso de Pedagogia como mãe espiritual, e essa representação está presente também na Oração do Mestre, escrita por Gabriela Mistral (1926, p. 12):

Senhor! Tu que me ensinaste, perdoa que eu ensine e que tenha o nome de mestre que tiveste na terra. Dá-me o amor exclusivo de minha escola: que mesmo a ânsia da beleza não seja capaz de roubar-me a minha ternura de todos instantes. [...]. Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, como as mães, o que não é carne da minha carne. Dá que eu alcance fazer de uma das minhas discípulas o verso perfeito e deixar gravada na sua alma a minha mais penetrante melodia que assim há de cantar, quando meus lábios não cantarem mais.

No que tange ao aspecto mãe citado pelos alunos, fica evidente que a identidade profissional do ser professor e/ou professora confunde-se com a maternal.

Outra categoria enfatizada pelos discentes é o aspecto **Vocação**, como se verá a seguir:

O professor para mim simboliza um coração, pois o professor deve amar o que faz e também ter um espaço em seu coração para cada aluno, atendendo as necessidades de cada um (3º ano, 25 anos).

Desenhei uma mulher, porque algumas pessoas tem o dom de ensinar, pois para ser professora tem que gostar, ter paciência, criatividade e acima de tudo ser solidária para com os outros (3º ano, 24 anos).

Desenhei uma religiosa, pois o primeiro chamado é para educar para a vida, a partir de valores. O ser professor deve ir além da matemática, português, biologia, etc. (4º ano, 29 anos).

Desenhei uma mão e esta representa que ser professora é estar sempre pronta para ajudar, ou seja, sempre que cairmos esta terá que nos ajudar a levantar e superar os desafios (4º ano, 27anos).

Eu desenhei a palavra ensinar, pois para mim os professores têm o dom de ensinar e o dom de educar (4º ano, 24 anos).

Desenhei uma mulher lendo a bíblia, pois aprendemos muitas coisas através da bíblia. E nela estão algumas respostas para nossa vida. Dela, podemos pegar vários exemplos para ensinar as coisas necessárias para cada uma. Também, aprendemos que Jesus é um dos maiores exemplos de professor, pois ele ensinava, mas através de metáforas. O professor sábio sabe onde achar as respostas para qualquer dúvida, tanto para o aluno, quanto para o próprio mestre (4º ano, 28 anos).

A cruz representa a vida da professora, pois a professora é aquela que tudo espera, tudo crê, e tudo suporta (4º ano, 41 anos).

Acredito que a professora é abençoada com um dom divino, pois educar no meu ponto de vista é um dom que deve ser cultivado cada dia mais (4º ano, 24 anos).

Tendo em vista os relatos descritos e tendo como fundamentação teórica o pensamento de Chodorow (1990), pode-se destacar que as mulheres continuam sendo consideradas seres que têm uma espécie de dom natural para o magistério, visto serem elas as responsáveis, em casa, pela educação dos filhos. O Magistério assim continua sendo visto como “extensão da maternidade” e o aluno como o “filho espiritual”, numa espécie de sublimação da função feminina na docência, como sacerdócio.

Diante das falas dos discentes, surge uma questão ressaltada por Louro (2000, p. 68): “o que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais do masculino e feminino.”

Isso posto, percebe-se a necessidade de estar presente no currículo do curso de Pedagogia da UEL disciplinas e discussões relacionadas ao gênero, à docência e ao currículo no contexto da formação do Pedagogo, pois, ao término da pesquisa de campo, constatou-se que a maioria dos alunos, sujeitos pesquisados, não tinham uma compreensão crítica das questões referentes à feminização no magistério. Para tanto, é imprescindível que haja esse momento de análise sobre a temática, pois o princípio da feminização no magistério ocorreu devido a diversos fatores, como: busca de novos empregos para os homens, os quais deixaram esse ofício para as mulheres; necessidade de professoras mulheres com o início da educação para as meninas, pois as turmas eram separadas por sexo; e talvez o mais marcante e que predomina na escolha pela docência até os dias atuais, é a vocação, pois as mulheres eram educadas para cuidar do lar e dos filhos, dessa forma o trabalho educacional seria apenas a extensão dos trabalhos domésticos.

Catani (1997, p. 29) contribui essa análise, afirmando que:

No imaginário social, as professoras não têm história porque repetem, repetem o que aprenderam, repetem cursos, programas, conhecimentos, práticas, dia a dia, ano a ano, durante as décadas de sua carreira profissional. Objeto da memória de alguns alunos que delineiam a figura de quem os iniciou nos primeiros passos da carreira em que se tornaram célebres, tanto quanto suas mestras obscuras, as mulheres professoras não são em geral, sujeitos de memória. Talvez alguma coisa se deva à oposição, apontada por Monique de Saint-Martins (1989), no início do século, entre ser escritora e ser professora. Talvez a benevolência social com que lhes era aberta a carreira intelectual pagasse tributo ao fato das professoras, ao contrário das escritoras, no caminho da obscuridade, do anonimato, fizessem o voto do silêncio sobre si. Assim, muitas vezes ficou vedada às mulheres professoras a escrita da memória, mesmo pensada como tendo a si própria como única leitora, que, colocada num ponto qualquer do futuro e numa instância crítica mais apurada, pudesse fazer com que se recuperasse o todo, refizesse um percurso de vida profissional, alcançando-a no seu conjunto e reconstruindo o seu sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário destacar que a análise dos dados, referente às percepções dos discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina em relação ao gênero e à docência, trouxe certa inquietação, pois ficaram evidentes nesta pesquisa os aspectos de infantilização e feminização. Desse modo, conclui-se neste estudo que a relação entre gênero e docência foi travada em meio a metáforas e paradoxos que, por vezes, chegaram a se confundir

entre si, isto é, os sujeitos participantes desta pesquisa relacionaram o gênero e a docência com aspectos de infantilização e feminização. Decorrente disso, foi percebida a urgência de uma discussão acerca da presença predominante das mulheres no curso de Pedagogia, pois esta não é resultado casuístico, sendo assim, é necessário abrir caminhos para a apreensão do cotidiano e da história social das mulheres como historicidade, concretude e espaço de transformação e resistência.

Portanto, o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina necessita ter um novo olhar em relação à leitura de mundo e da condição humana. Os instrumentos dessa nova leitura não são os mecanismos analíticos e reducionistas da lógica clássica. A racionalidade é complementada pela intuição e pelo sentimento. Começam-se então, a questionar, em educação, diversos elementos dialeticamente contrapostos. Pode-se apontar, então, que os grandes desafios na formação discente do curso de Pedagogia no contexto da sociedade contemporânea, segundo Barbosa (1998), consiste no Plano teórico e epistemológico e este deve ir além da formação técnica e científica, ou seja, este deve estar atrelado a uma perspectiva de projeto social democrático, que possa levar em consideração a história não contada das culturas silenciadas, tais como: a indígena, a dos negros e, especificamente, neste estudo, a das mulheres. Portanto, uma formação sem uma sólida base teórica e epistemológica reduz-se a um adestramento e a um atrofiamento das possibilidades de analisar as relações sociais, os processos de poder e de dominação. No âmbito dos processos de produção histórica do conhecimento científico, crítico e dos processos de ensinar e aprender, é imprescindível compreender que eles gestam e se desenvolvem a partir de determinações e mediações diversas no plano histórico, social e cultural. Portanto, viu-se que a formação do Pedagogo está permeada de desafios e incertezas, e é realmente isso que mobiliza esse profissional a buscar, a criar, a transformar novas possibilidades, no que se refere ao currículo, ao gênero e à docência.

Observa-se, portanto, que o currículo escolar e o vivido do Curso de Pedagogia, pautado numa concepção crítica e emancipatória, não devem separar o gênero e a docência da realidade social, transformando os problemas da educação em problemas autônomos teorizados num sistema ideal, impossível de ser alcançado. Ao contrário, devem agir sobre a estrutura, identificando os reflexos

da sua prática no social e abrindo caminhos para a superação das contradições sociopolíticas pelos meios pedagógicos de que dispõem, problematizando desta maneira as relações de gênero e docência que aparecem, ainda, de forma velada nos currículos de formação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas).

ARCE, Alessandra. **A imagem da mulher nas ideias educacionais de Pestalozzi**: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical. Caxambu: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2001.

BARBOSA, Manuel. Ação educativa perante o fim das certezas: oportunidade para mudar de registro epistemológico? **Revista Portuguesa de educação**, Minho-Portugal, v. 10, n. 2, p. 45-58, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

CANEN, Ana; SANTOS, Angela Rocha. Construção e Reconstrução de Identidades Docentes no Âmbito da Formação Continuada: possibilidades curriculares e didáticas multiculturais. In: **XIII ENDIPE**: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Recife, 2006.

CATANI, Denice Barbara et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In: _____. (Org.) **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Ltda., 1990.

FROEBEL, F. **Education by development**: the second part of the pedagogics of the kindergarten. Translated by Josephine Jarvis. New York and London: D. Appleton, 1992.

GRAMSCI, Antonio. Introdução ao Estudo da Filosofia e do materialismo histórico. In: **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 9-89, 1984.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? In: _____. **Textos seletos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul.-dez., 2000.

_____. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISTRAL, Gabriela. Oração da Mestra. *Revista do Ensino*, n. 11, 1926.

OLIVEIRA, Newton Ramos de. Educação e Emancipação. In: BARBOSA, Raquel Lazzai Leite (Org.). **Formação de educadores: Desafios e perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, p. 286-307, 2003.

PAGNI, Pedro Angelo. Infância. In: CARVALHO, Adalberto Arthur Vieira Dias de.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 238-321, 2004.

PESTALOZZI, J. H. **Cartas sobre educación infantil**. Madrid: Tecnos, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'éducation**. Paris, Garnier Flammarion, 1966.

Artigo recebido em: 31/10/2016

Aprovado em: 14/02/2017

Contato para correspondência:

Adriana Regina de Jesus Santos. *E-mail*: adriana tecnologia@yahoo.com.br

NOTAS

¹ Os alunos participantes da pesquisa estão matriculados no período matutino e noturno do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.